Sistema OCB

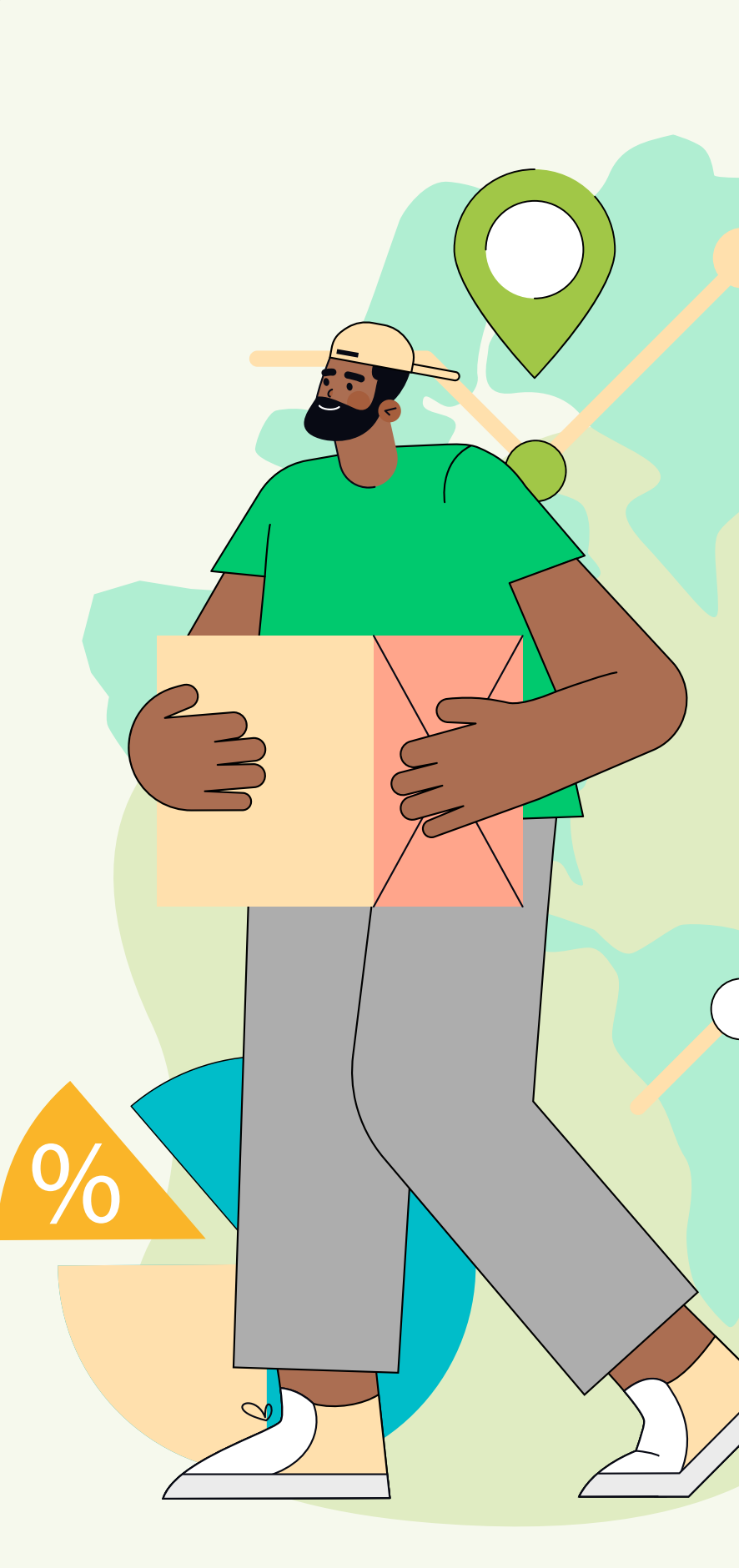
ANÁLISE ECONÔMICA

Edição 27 - Ano 6 | Julho de 2025

COOPERATIVISMO EM TRANSFORMAÇÃO: PANORAMA DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2025

O primeiro semestre de 2025 apresentou um cenário econômico global marcado por diversas transformações e desafios. Neste boletim, consolidamos as principais análises elaboradas pelo Sistema OCB no primeiro semestre deste ano.

Ao longo destes meses, observamos tendências que vão desde a revolução nas estratégias de marketing digital até a consolidação das finanças sustentáveis como pilar fundamental dos investimentos globais. As tensões geopolíticas continuaram a redesenhar o comércio internacional, enquanto o mercado de seguros brasileiro passou por marcos regulatórios históricos. Em meio a essas transformações, 2025 se destaca como o Ano Internacional das Cooperativas, reconhecido pela ONU, reforçando o papel estratégico deste modelo de negócios na construção de um futuro mais inclusivo e sustentável.

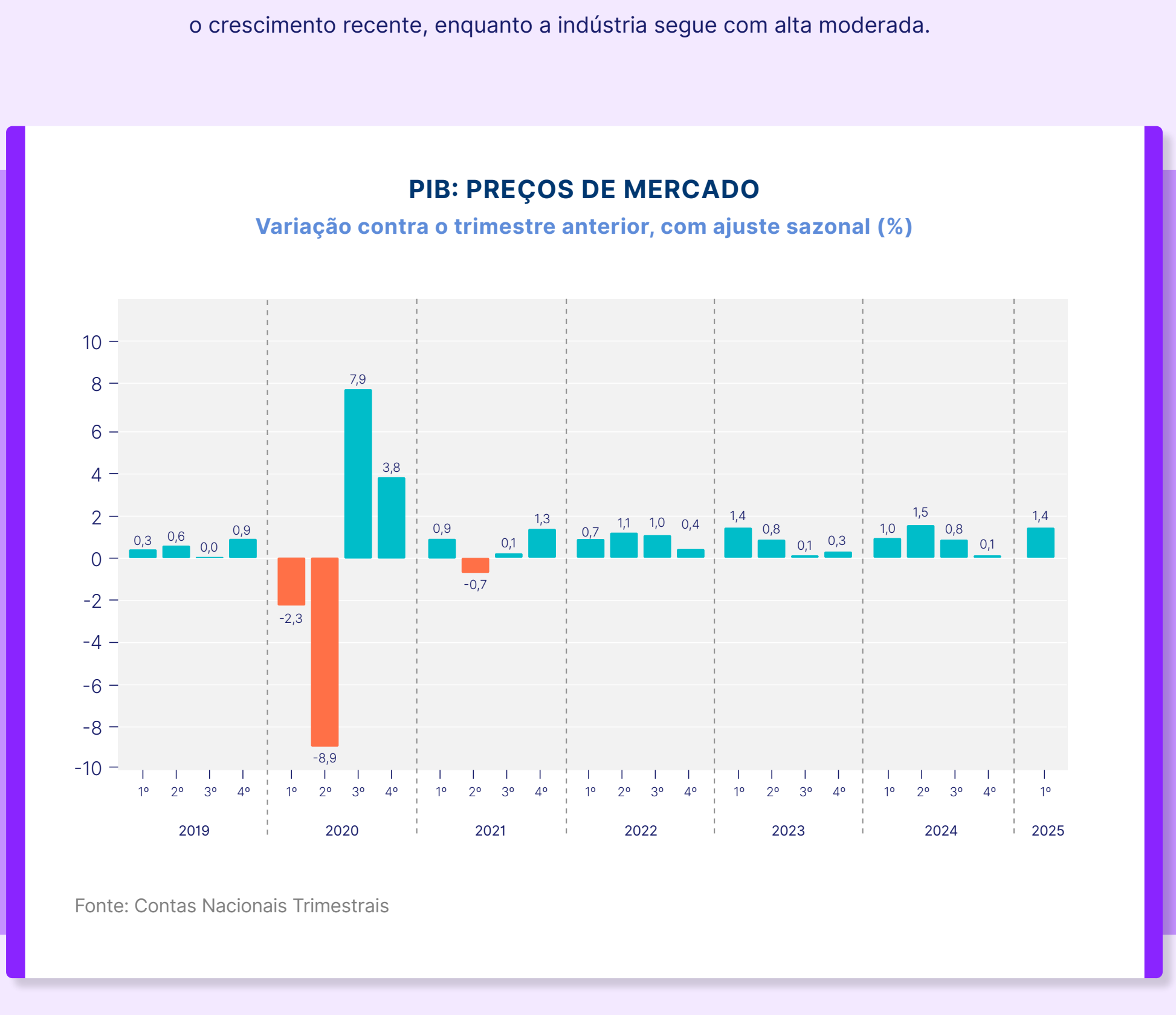


PANORAMA ECONÔMICO GLOBAL E NACIONAL

Em meio a um cenário de transformações econômicas, tecnológicas e sociais, o modelo cooperativista consolida sua relevância ao oferecer respostas inovadoras e inclusivas para os desafios contemporâneos.

CRESCIMENTO GLOBAL MODERADO

O FMI estima expansão mundial de apenas 2,8% em 2025, abaixo dos 3,3% de 2024. A inflação global tende a ceder (cai para ~4,2% em 2025). O Brasil cresceu 3,4% em 2024, mas desacelera: estudos recentes apontam ~2,0–2,4% para 2025. No 1º trim/25 o PIB cresceu 1,4% sobre o tri. anterior (série dessazonalizada), acumulando +3,5% em 4 trimestres. O setor de serviços e o agro puxaram o crescimento recente, enquanto a indústria segue com alta moderada.



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais

INFLAÇÃO E JUROS

A inflação brasileira continua acima da meta. Em maio/25 o IPCA anualizado chegou a 5,32%, acima do teto de 4,5%. Em junho/25 o Copom elevou a Selic para 15% a.a. e sinalizou mantê-la nesse patamar elevado para conter pressões inflacionárias. Segundo o BC, núcleos de inflação seguem "acima do valor compatível com meta", exigindo política monetária contracionista prolongada.

EMPREGO E RENDA

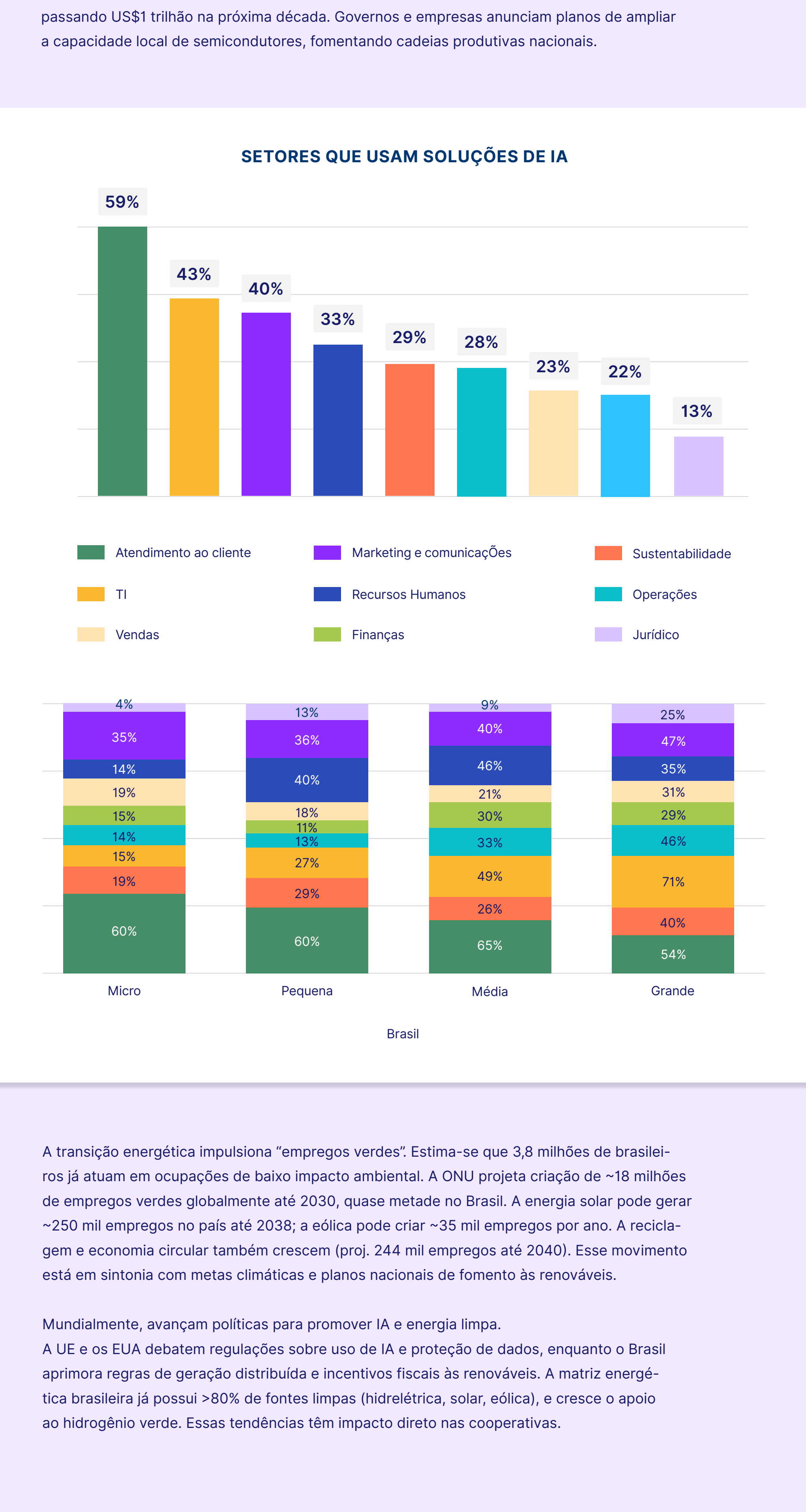
A PNAD Contínua 1T/2025 registra taxa de desocupação de 7,0% (contra 6,2% no 4T/24). Aumento maior do desemprego concentrou-se em algumas regiões (PE 11,6%, BA 10,9%). As mulheres e negros são mais afetados (8,7% e 8,4%). No mesmo período, o rendimento médio real cresceu (R$3.410) em relação a 2024.

COMÉRCIO EXTERIOR E CONSUMO

O comércio externo deu sinais mistos. No 1º trim/25 as exportações de bens e serviços subiram modestos +1,2% e as importações +14,0% (t/T). No acumulado de 12 meses até mar/25, o PIB externo não puxou positivamente, mas o saldo comercial segue positivo. Internamente, a Formação Bruta de Capital Fixo avançou 9,1% no primeiro trimestre de 2025 (t/T), quinta alta nessa comparação, tendo obtido taxas 10,8% e 9,4% no terceiro e quarto trimestres de 2024. A taxa de investimento subiu de 16,7% (2024) para 17,8% do PIB no 1º tri/25.

Inovações tecnológicas e sustentáveis

A adoção de IA corporativa avança rápido. A pesquisa SAP/2025 mostra que a expectativa é que a IA impulsione ganhos de eficiência e inovação em recursos humanos e processos de negócio. No mundo, prevê-se explosão do mercado de IA generativa, potencialmente ultrapassando US$1 trilhão na próxima década. Governos e empresas anunciam planos de ampliar a capacidade local de semicondutores, fomentando cadeias produtivas nacionais.



A transição energética impulsiona "empregos verdes". Estima-se que 3,8 milhões de brasileiros já atuam em ocupações de baixo impacto ambiental. A ONU projeta criação de ~18 milhões de empregos verdes globalmente até 2030, quase metade no Brasil. A energia solar pode gerar ~250 mil empregos no país até 2038; a eólica pode criar ~35 mil empregos por ano. A reciclagem e economia circular também crescem (proj. 244 mil empregos até 2040). Esse movimento está em sintonia com metas climáticas e planos nacionais de fomento às renováveis.

Mundialmente, avançam políticas para promover IA e energia limpa.
A UE e os EUA debatem regulações sobre uso de IA e proteção de dados, enquanto o Brasil aprimora regras de geração distribuída e incentivos fiscais às renováveis. A matriz energética brasileira já possui >80% de fontes limpas (hidrelétrica, solar, eólica), e cresce o apoio ao hidrogênio verde. Essas tendências têm impacto direto nas cooperativas.

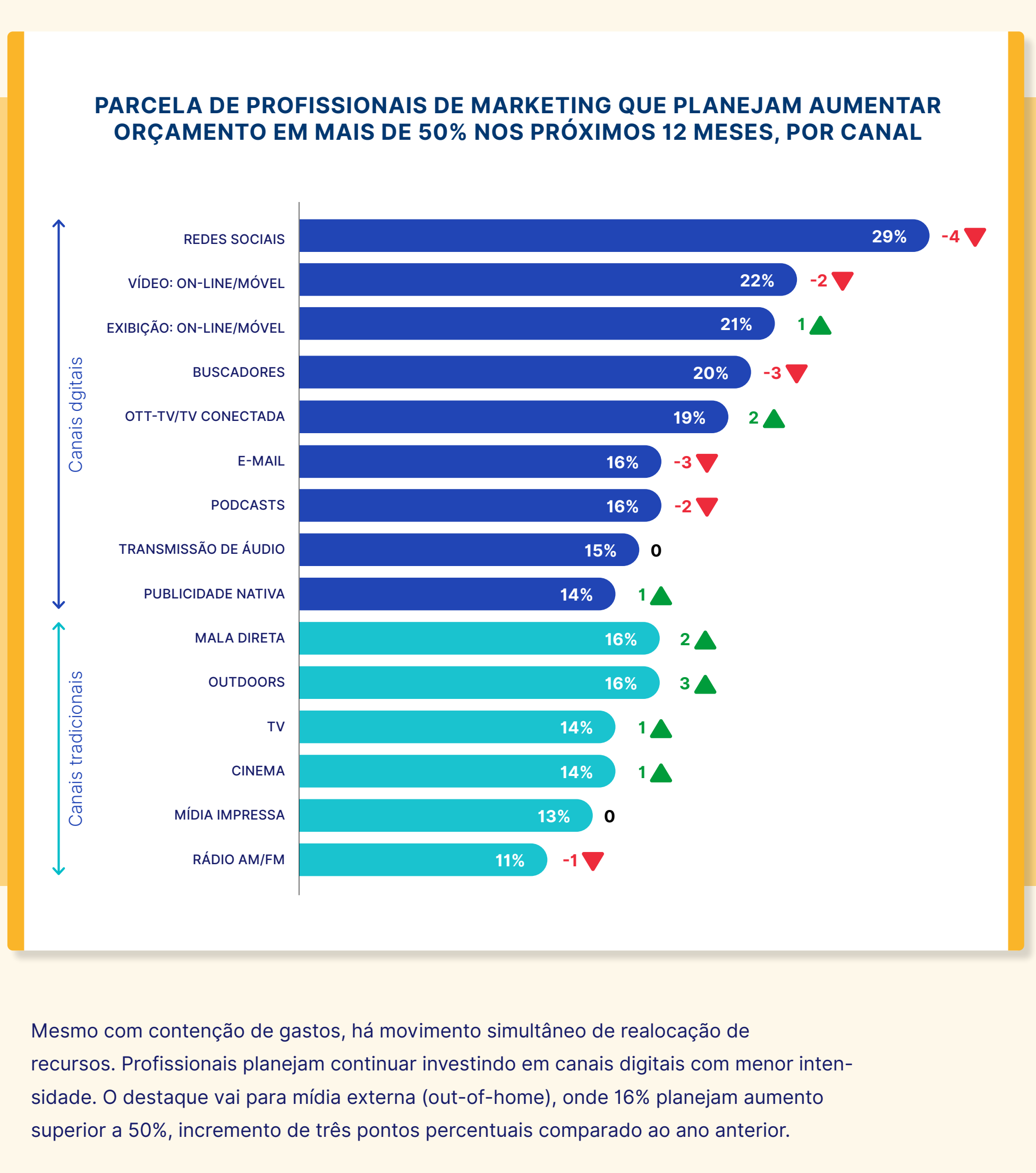
MARKETING DIGITAL E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: A NOVA ERA DA COMUNICAÇÃO COOPERATIVA

O cenário brasileiro de marketing para 2025 apresenta um retrato dinâmico alinhado às tendências globais. O investimento em publicidade em 2023 atingiu R$ 23,4 bilhões segundo o Cenp-Meios, representando crescimento real de 10,4% em relação ao ano anterior, considerando a inflação oficial de 4,62% medida pelo IPCA. Esse desempenho sinaliza que o mercado brasileiro manteve sua resiliência apesar das incertezas globais.

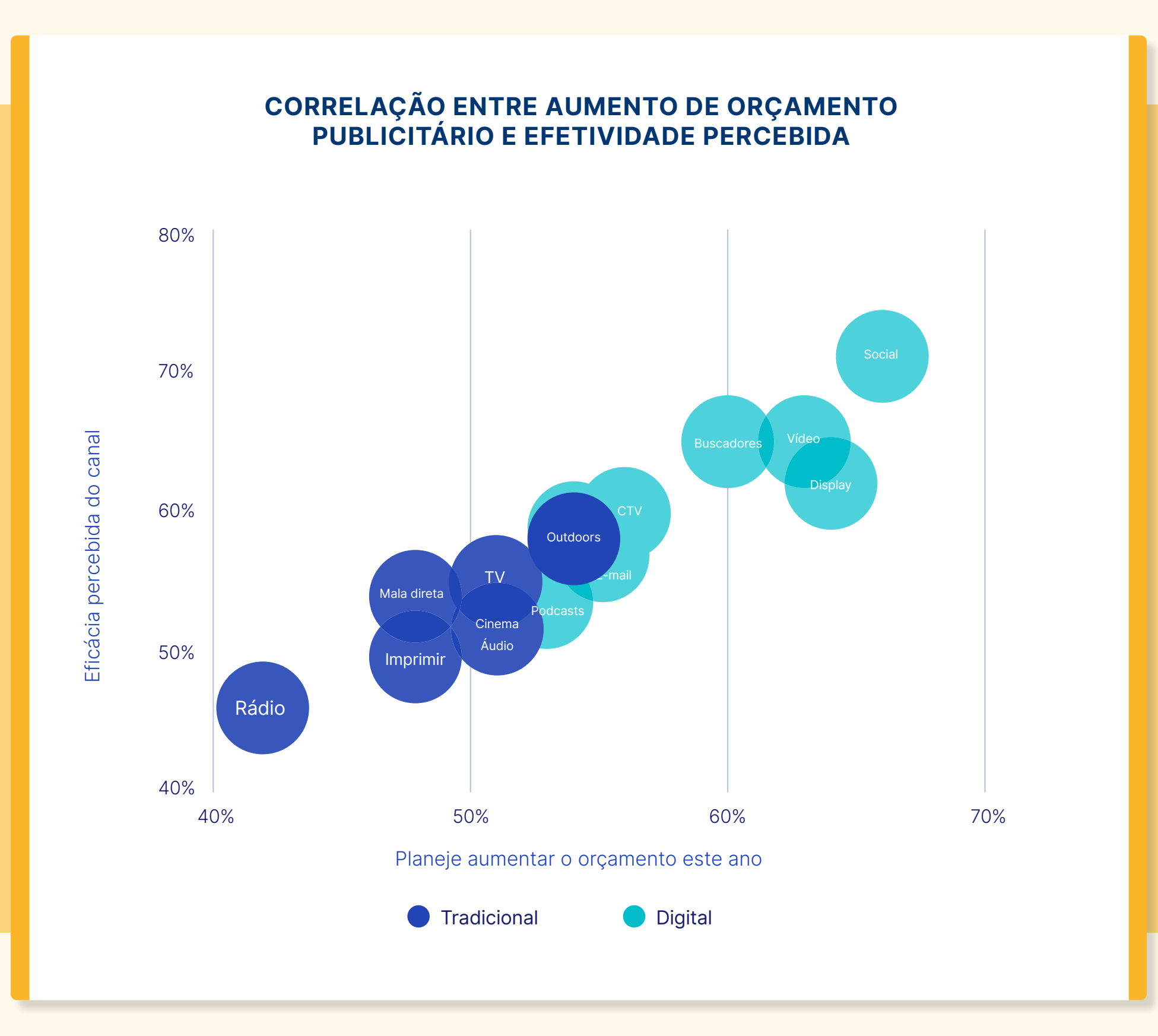
A transformação digital deixou de ser escolha estratégica para se tornar condição de sobrevivência. As tendências de digitalização acelerada, domínio das plataformas digitais e empoderamento do consumidor exigem abordagens de marketing cada vez mais adaptadas às realidades locais e globais, afetando diretamente como as organizações se comunicam, criam valor e constroem relacionamentos sustentáveis.

ESTATÍSTICAS GLOBAIS DO MARKETING

Após um ano forte em 2024, as incertezas econômicas globais consolidaram a expectativa de que 2025 será mais contido em investimentos publicitários. De acordo com o estudo "2025 Annual Marketing Report da Nielsen", 54% dos profissionais de marketing no mundo planejam reduzir seus orçamentos publicitários este ano.



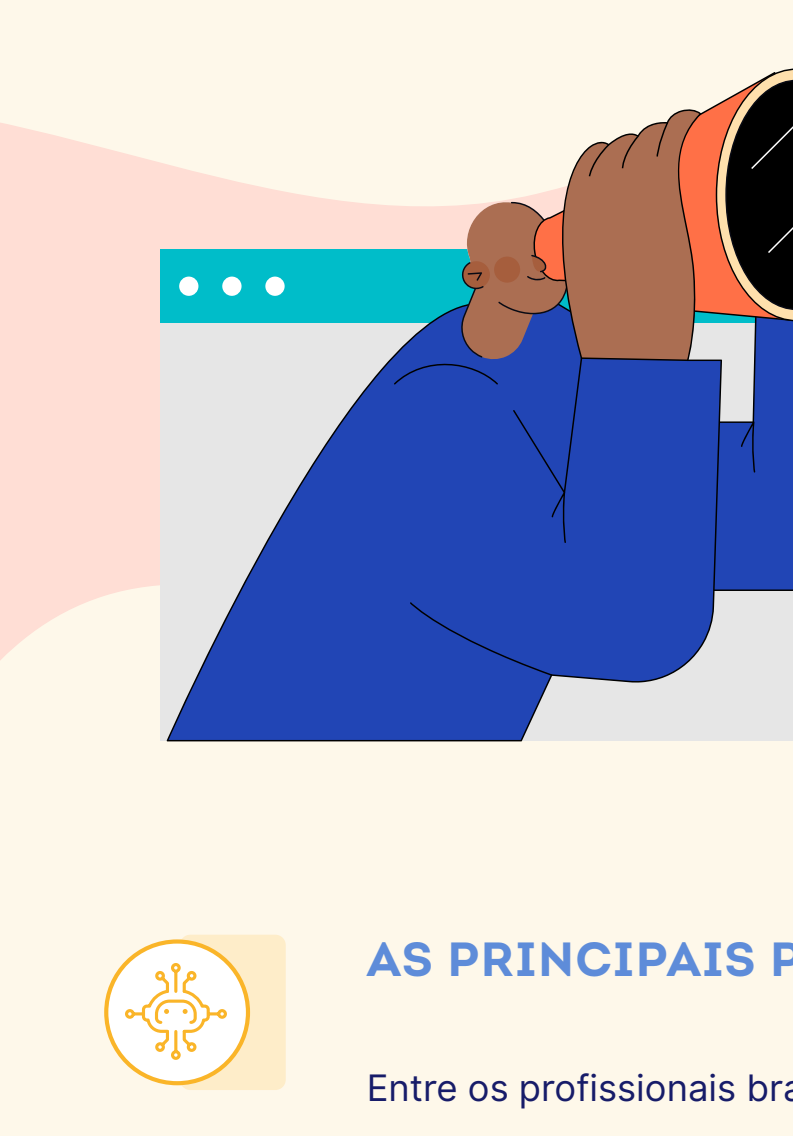
Mesmo com contenção de gastos, há movimento simultâneo de realocação de recursos. Profissionais planejam continuar investindo em canais digitais com menor intensidade. O destaque vai para mídia externa (out-of-home), onde 16% planejam aumento superior a 50%, incremento de três pontos percentuais comparado ao ano anterior.



INVESTIMENTO PUBLICITÁRIO EM 2023

No Brasil, a televisão aberta ainda detém liderança com 39,6% dos investimentos (R$ 9,28 bilhões), seguida pela internet com 38,2% (R$ 8,96 bilhões). Mídia exterior representa 10,8% (R$ 2,53 bilhões), TV por assinatura 5% (R$ 1,16 bilhões) e rádio 4,2% (R$ 975,8 milhões), demonstrando a importância de abordagem multicanal.

A pesquisa HubSpot com 770 profissionais brasileiros mostra que 21% dos líderes destacam vídeos curtos como fonte de maior ROI, enquanto 9% planejam aumentar investimentos nessa área em 2025.



O Brasil concentra
37,5%
desse mercado, avaliado em
US$ 49,9 bilhões

AS PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES COM O USO DA IA

Entre os profissionais brasileiros que utilizam IA, 58,83% afirmam estar muito satisfeitos, considerando-a inovadora para aumentar produtividade, eficiência e receita, enquanto 31% acreditam que pode ser útil em certas áreas, mas tem limitações. As principais preocupações incluem dependência/substituição (22,8%), preço/dificuldade de integração (20,2%), privacidade e segurança dos dados (17,9%) e informações imprecisas/tendenciosas (15,6%).

Além disso, 85% dos profissionais relatam que a IA melhorou a qualidade do conteúdo, 84% afirmam que tornou a criação mais eficiente, 82% disseram que aumentou capacidades de produção e 77% acreditam que ajudou a criar conteúdo mais personalizado.

O MARKETING MAIS DATA-DRIVEN

Apenas 75% dos profissionais brasileiros têm uma única fonte de verdade para todos os dados de marketing, enquanto 24% afirmam que os dados ajudam a alcançar o público-alvo mais eficazmente. Somente 16% possuem dados de muito alta qualidade sobre seu público-alvo, e apenas 9% acreditam que os dados aumentam o ROI dos esforços de marketing.

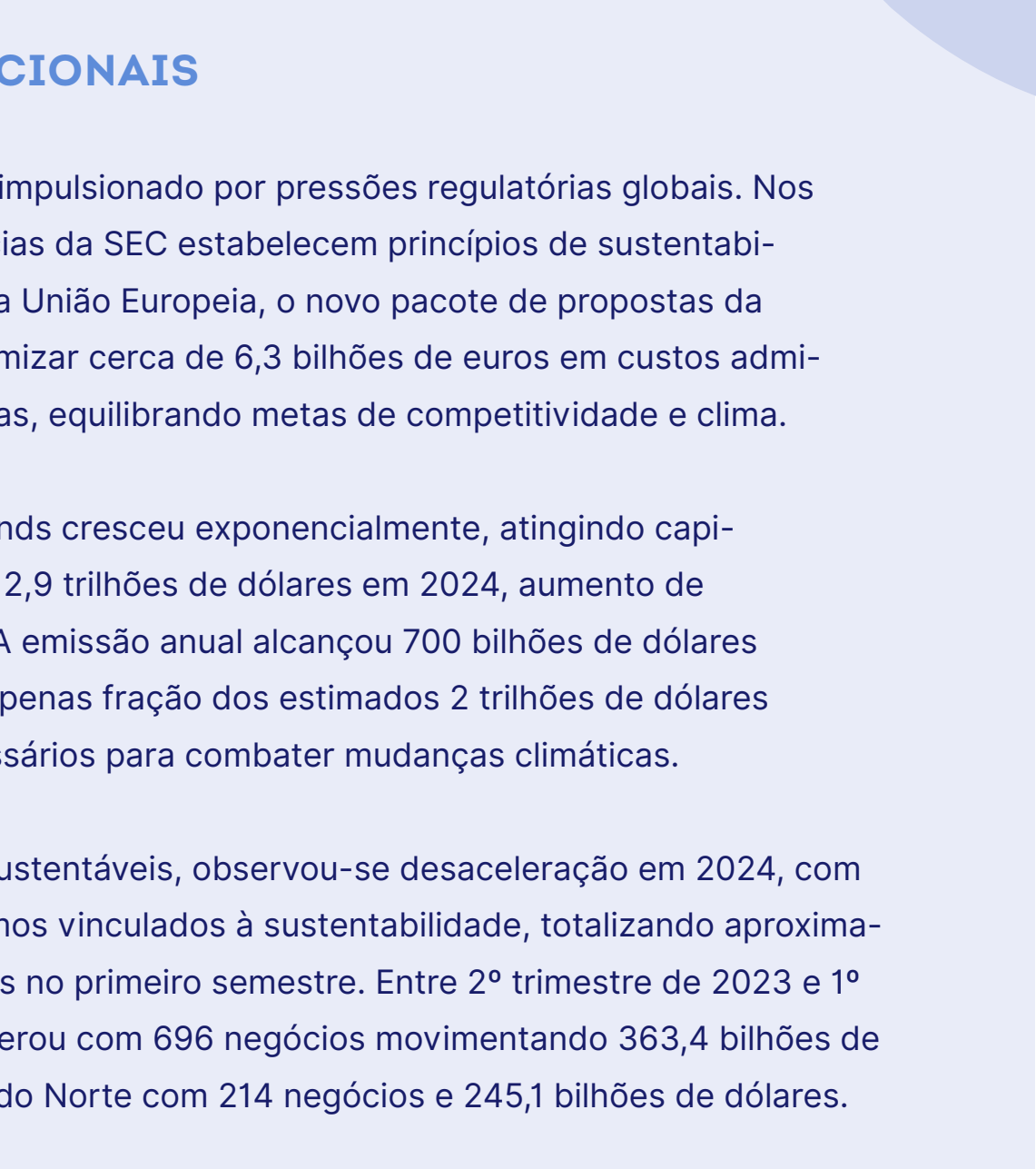
A pesquisa revela que 42% dos profissionais só conseguem executar relatórios básicos de desempenho, enquanto dois em cada três líderes admitem que decisões baseadas em dados superam o instinto.

TENDÊNCIAS PARA O COOP FICAR DE OLHO EM 2025

As tendências globais encontram ressonância com particularidades do modelo cooperativo. Entre profissionais brasileiros, 22% consideram vídeos curtos como principal aposta para 2025, enquanto marketing de influência e conteúdos que refletem valores da marca aparecem com 10% e 8% respectivamente.

O fortalecimento do marketing digital e a construção de narrativas autênticas são caminhos essenciais para as cooperativas ampliarem a percepção de valor, engajarem novos públicos e demonstrarem capacidade de inovação mesmo em meio a desafios econômicos e concorrência ampliada.

FINANCIAMENTO DE AÇÕES DE SUSTENTABILIDADE NO MUNDO E NO COOPERATIVISMO



As Finanças Sustentáveis referem-se à alocação de capital em iniciativas que geram valor econômico promovendo benefícios ambientais e sociais. A transição para uma Economia Verde exige mobilização de recursos estimados pela ONU entre 5 trilhões e 7 trilhões de dólares anualmente, demanda que supera significativamente a oferta disponível, criando lacuna de financiamento substancial.

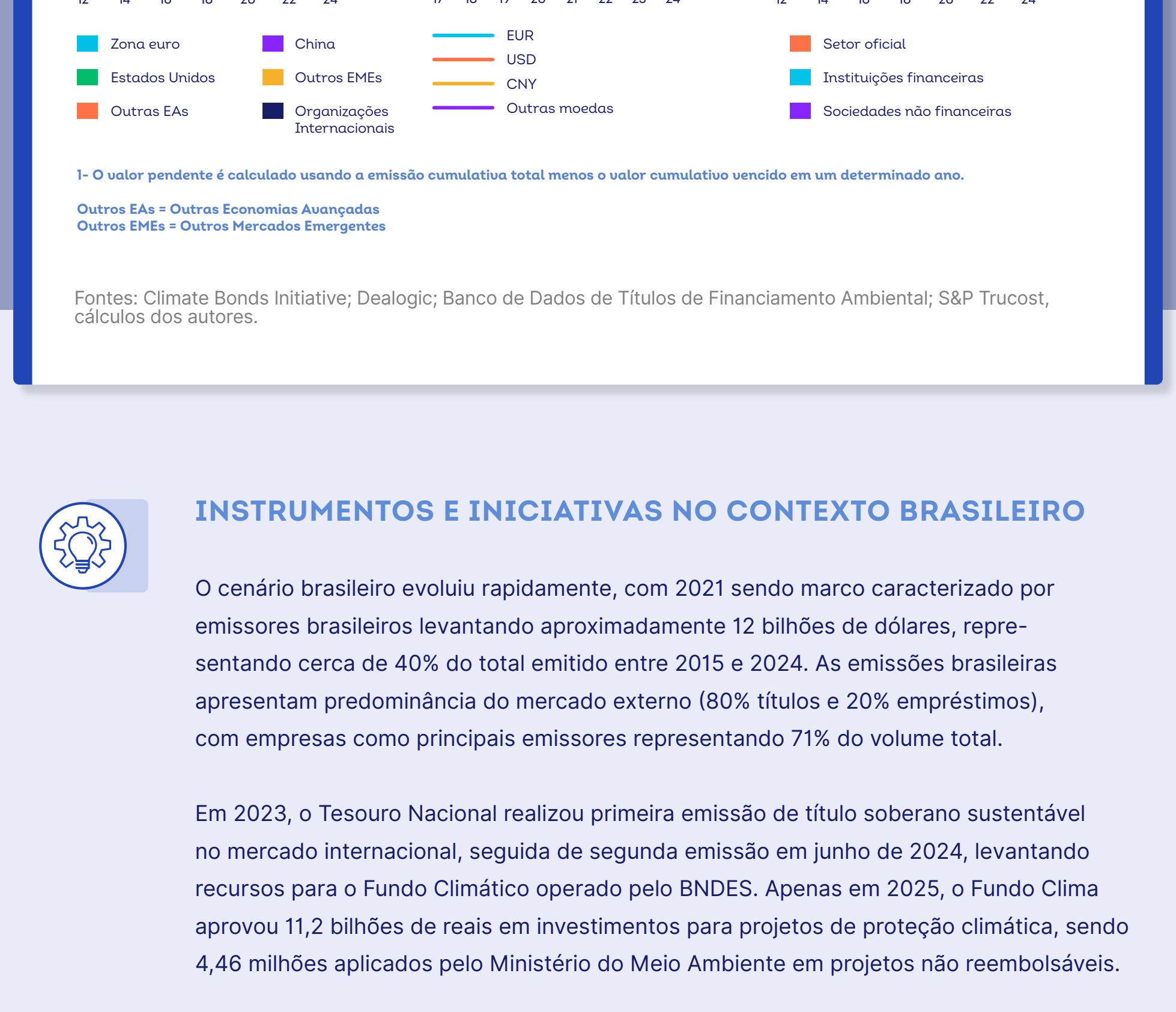
MERCADOS INTERNACIONAIS

O financiamento sustentável é impulsionado por pressões regulatórias globais. Nos Estados Unidos, novas exigências da SEC estabelecem princípios de sustentabilidade corporativa, enquanto na União Europeia, o novo pacote de propostas da Comissão Europeia visa economizar cerca de 6,3 bilhões de euros em custos administrativos anuais para empresas, equilibrando metas de competitividade e clima.

O mercado global de Green Bonds cresceu exponencialmente, atingindo capitalização de aproximadamente 2,9 trilhões de dólares em 2024, aumento de quase seis vezes desde 2018. A emissão anual alcançou 700 bilhões de dólares em 2024, embora represente apenas fração dos estimados 2 trilhões de dólares em investimentos anuais necessários para combater mudanças climáticas.

No mercado de empréstimos sustentáveis, observou-se desaceleração em 2024, com redução de 34% nos empréstimos vinculados à sustentabilidade, totalizando aproximadamente 207 bilhões de dólares no primeiro semestre. Entre 2º trimestre de 2023 e 1º trimestre de 2024, a Europa liderou com 696 negócios movimentando 363,4 bilhões de dólares, seguida pela América do Norte com 214 negócios e 245,1 bilhões de dólares.

OS VOLUMES DE TÍTULOS VERDES AUMENTARAM EXPONENCIALMENTE[1]



[1] O valor pendente é calculado usando a emissão cumulativa total menos o valor cumulativo vencido em um determinado ano.

Outros EAs = Outras Economias Avançadas
Outros EMEs = Outros Mercados Emergentes

Fontes: Climate Bonds Initiative; Dealogic; Banco de Dados de Títulos de Financiamento Ambiental; S&P Trucost, cálculos dos autores.

INSTRUMENTOS E INICIATIVAS NO CONTEXTO BRASILEIRO

O cenário brasileiro evoluiu rapidamente, com 2021 sendo marco caracterizado por emissores brasileiros levantando aproximadamente 12 bilhões de dólares, representando cerca de 40% do total emitido entre 2015 e 2024. As emissões brasileiras apresentam predominância do mercado externo (80% títulos e 20% empréstimos), com empresas como principais emissores representando 71% do volume total.

Em 2023, o Tesouro Nacional realizou primeira emissão de título soberano sustentável no mercado internacional, seguida de segunda emissão em junho de 2024, levantando recursos para o Fundo Climático operado pelo BNDES. Apenas em 2025, o Fundo Clima aprovou 11,2 bilhões de reais em investimentos para projetos de proteção climática, sendo 4,46 milhões aplicados pelo Ministério do Meio Ambiente em projetos não reembolsáveis.

GREEN BONDS E TÍTULOS SUSTENTÁVEIS

Em maio de 2017, o BNDES foi primeiro banco brasileiro a emitir green bonds no mercado internacional, com título de 1 bilhão de dólares com prazo de sete anos, destinando recursos para projetos de energia eólica e solar.

O mercado de carbono evoluiu de aproximadamente 200 milhões de dólares há dez anos para 1 bilhão de dólares em 2021, com projeção de atingir 50 bilhões de dólares até 2030. O Brasil concentra 15% do potencial global de captura de carbono por meios naturais, com chances de atender quase metade (48,7%) da demanda mundial.

COTAS DE RESERVA AMBIENTAL (CRAS)

As CRAs representam mecanismo inovador permitindo negociação de excedentes de Reserva Legal, com potencial de atrair capital privado para agronegócio e serviços ecossistêmicos. A viabilidade como valores mobiliários enfrenta desafios, incluindo estudos indicando potencial superoferta de 22 vezes.

GEOPOLÍTICA E COMÉRCIO: NAVEGANDO EM ÁGUAS TURBULENTAS

O comércio internacional em 2025 reflete um mundo cada vez mais fragmentado geopoliticamente. A guerra entre Rússia e Ucrânia, a guerra tarifária entre Estados Unidos e China, a eclosão de diversos conflitos pelo mundo e a emergência de estratégias como friendshoring e nearshoring estão redefinindo os padrões globais de comércio.

INTENSIFICAÇÃO DA GUERRA COMERCIAL INICIADA POR TRUMP

Desde 2024, as tensões comerciais entre EUA e demais economias têm se mantido elevadas e até mesmo crescentes. Em setembro de 2024, sob o governo Biden, os EUA impuseram novas tarifas de 25–100% sobre 14 categorias de produtos chineses estratégicos. Em 2025, o retorno de Donald Trump à presidência reavivou a escalada: ele anunciou tarifas de 20% sobre todas as importações chinesas (alegando questões como o combate ao fentanil) e estabeleceu tarifas "recíprocas" para igualar medidas de outros países. Além disso, Washington reativou tarifas pelo IEEPA – 20% na China e 25% em importações vindas de México e Canadá – e ampliou para 25% as tarifas sobre aço e alumínio (incluindo produtos derivados). Em paralelo, mantêm-se as alíquotas de 25% sobre US$250 bilhões de bens chineses já estabelecidas em listas anteriores. Essas medidas revelam uma política comercial cada vez mais protecionista, com múltiplas alíquotas setoriais simultâneas e efeitos bilaterais.

IMPACTOS SOBRE O PIB E EMPREGOS NOS EUA

Modelagens econômicas indicam que a intensificação tarifária terá efeito negativo sobre a economia americana. Estimativas recentes sugerem que o pacote de tarifas anunciado para 2025 reduziria o crescimento real do PIB dos EUA em cerca de 1,1 ponto percentual (comparando final a final do ano). Essa contração envolveria aumento do desemprego em aproximadamente +0,55 ponto percentual e corte de ~740 mil empregos na virada de 2025. No longo prazo, o nível do PIB americano ficaria em torno de 0,6% menor (cerca de US$170 bilhões anuais em termos de 2024) caso as tarifas permaneçam elevadas. Em suma, as tarifas adicionais – e a represália de parceiros comerciais – impõem custos não apenas aos consumidores (que pagarão preços mais altos) mas também ao conjunto da atividade econômica e do mercado de trabalho dos EUA.

AUMENTO DE CONFLITOS ARMADOS E IMPACTO NO COMÉRCIO GLOBAL

Em 2025, o conflito aberto entre Israel e Irã tem elevado riscos para o comércio global de energia e logística. Analistas do mercado financeiro alertam que qualquer escalada (especialmente com possível envolvimento militar dos EUA) tende a disparar o preço do petróleo, provocando um choque de oferta negativo global. Cerca de 12% do comércio mundial passa pelo canal de Suez; desviar esse fluxo pelo Cabo da Boa Esperança adiciona cerca de duas semanas de viagem e >US$1 milhão em custo por navio, pressionando preços de frete e bens finais.

Considerando a ameaça de fechamento do estreito de Ormuz, o preço do petróleo subiu 14%. O canal é a principal passagem do maior exportador de GNL (Qatar). Segundo especialistas, o fechamento desse canal causaria um choque semelhante ou superior à crise do petróleo de 1973 ou à invasão do Kuwait em 1990.

O prolongamento do conflito na Ucrânia continua reconfigurando os fluxos globais. As sanções ocidentais quase paralisaram o comércio direto com a Rússia: por exemplo, entre Q1/22 e Q3/24 as exportações da UE para a Rússia caíram ~58%. Em contrapartida, a Rússia redirecionou seu comércio para o eixo Ásia-África: o comércio Rússia-China aumentou impressionantes 175% de 2021 para 2024. Fluxos bilaterais EUA-Rússia e Reino Unido-Rússia também despencaram (próximo de 80–90% de queda). Essa dinâmica reflete a substituição de fornecedores tradicionais por novos parceiros (ex.: o Sul Global e a própria China absorvendo mais exportações russas), ao mesmo tempo em que ativos estratégicos (commodities, energia, alimentos) veem seus mercados geopoliticamente reorientados.

BARREIRAS COMERCIAIS EM ALTA E ASCENSÃO DO FRIENDSHORING

Em 2023–2024, o número de medidas protecionistas cresceu substancialmente. Estimativas do GIS em março/2025 apontam que as maiores economias do G20 impuseram cerca de US$230 bilhões em novas restrições (exportações afetadas) nesse período – quase o dobro do ano anterior. Além das tarifas bilaterais, proliferam subsídios, controles de exportação e requisitos regulatórios (diversos países ampliaram salvaguardas contra investimentos estrangeiros, por exemplo). Em resumo, a globalização de baixo custo dá lugar a um comércio mais segmentado por interesse nacional.

FRIENDSHORING VS. DIVERSIFICAÇÃO

A ideia de friendshoring (realocar cadeias produtivas para países "aliados") ganhou força política nos EUA e na UE. Porém, análises de organismos internacionais destacam que as empresas têm buscado não apenas estreitar com aliados, mas diversificar fornecedores globalmente para reduzir riscos. Por exemplo, a UNCTAD nota que tendências de nearshoring/friendshoring foram contidas em 2024, com firmas espalhando compras por várias regiões em vez de se limitarem a blocos geopolíticos. Ou seja, o cenário prático é de maior heterogeneidade geográfica nas cadeias de suprimento, mesmo em meio à retórica de alianças comerciais.

Governos também vêm condicionando o comércio a objetivos de segurança econômica e transição energética. Os EUA e a UE, por exemplo, implementaram controles de exportação rigorosos sobre tecnologia crítica (chips, IA, matérias-primas estratégicas) e promovem políticas industriais de incentivo a setores verdes. Essa "geopolítica econômica" significa que tarifas são complementadas por obstáculos não-tarifários ligados a padrões ambientais e de segurança. No conjunto, tais medidas adicionam incertezas e aumentam o custo de operar em determinadas cadeias globais.

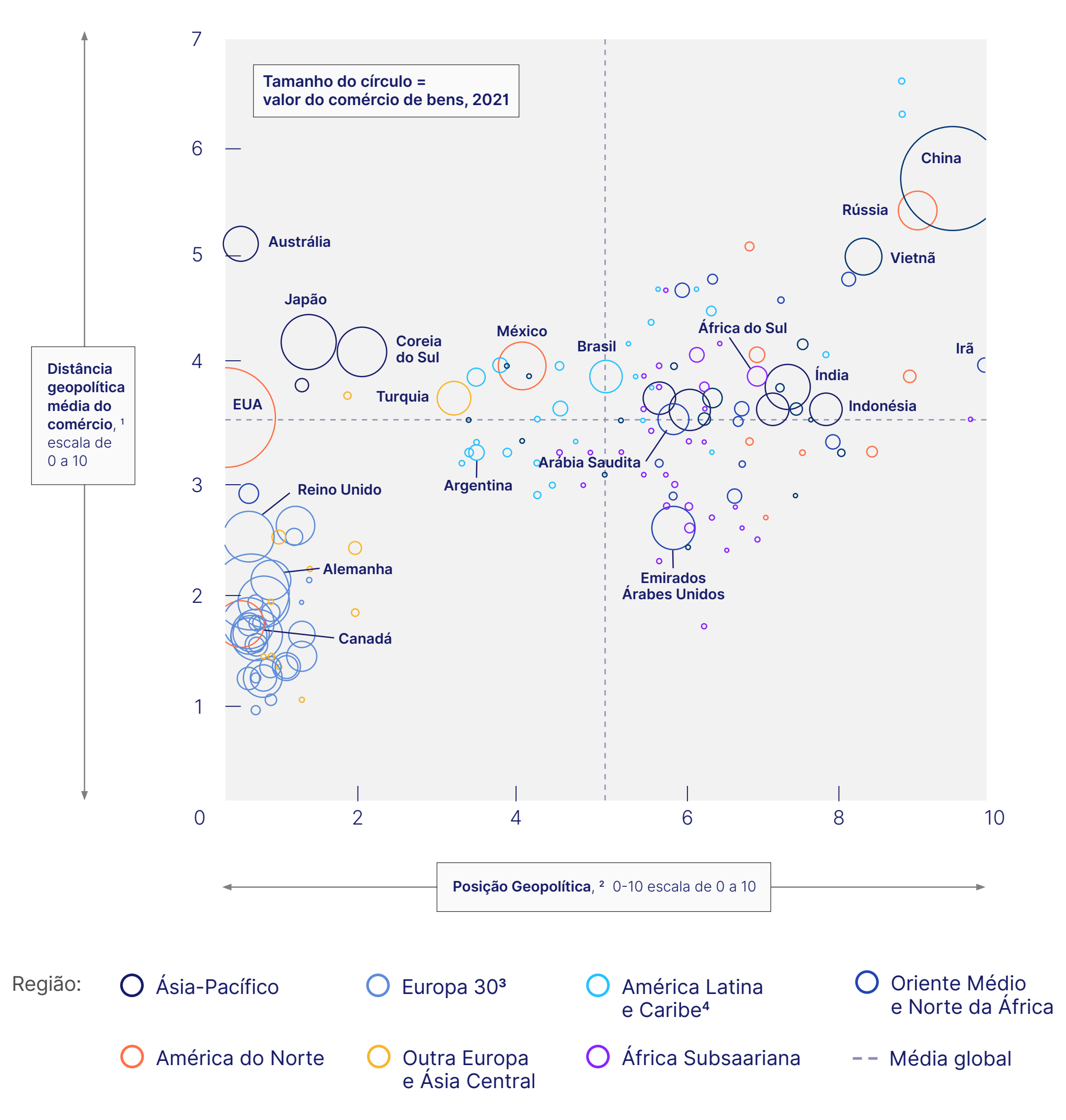
RECONFIGURAÇÃO DOS FLUXOS GLOBAIS

A pesquisa do BCG (Great Powers, Geopolitics, and the Future of Trade) projeta que o comércio mundial de bens crescerá cerca de 2,9% ao ano na próxima década, mas com mudanças significativas nas rotas comerciais. Os principais deslocamentos previstos incluem:

- **América do Norte (USMCA):** EUA, México e Canadá devem se consolidar como um bloco resiliente. Estima-se que o comércio EUA–México aumentará em US$315 bilhões até 2033 (CAGR ~4%) e EUA–Canadá em US$147 bilhões, impulsionados por políticas de nearshoring e incentivos industriais regionais.
- **Expansão da China no Sul Global:** Embora o comércio entre China e Ocidente desacelere, a China aumentará suas relações comerciais com países emergentes e economias em desenvolvimento. Em especial, o "Sul Global" (Índia, sudeste asiático e demais países em desenvolvimento) ganhará peso no comércio mundial, exportando bens mais industrializados a outras nações em crescimento. Espera-se forte crescimento Sul–Sul, à medida que essas economias elevam suas capacidades produtivas.
- **Relações China-UE reduzidas:** O comércio UE–China deverá estagnar. A UE tenderá a diversificar, reforçando laços históricos com EUA, Japão e Reino Unido e ampliando acordos com Índia, Turquia e África. A análise do BCG sugere que a dependência europeia da China diminuirá em favor de parceiros alternativos.
- **Efeitos de tarifas extremas:** A BCG estima que, sob um cenário hipotético de tarifas muito altas (p.ex. 60% contra China, 25% contra México/Canadá), o custo de importar dos dez maiores fornecedores dos EUA aumentaria em US$640 bilhões (nível de 2023). Isso indica que barreiras severas podem acelerar ainda mais os redirecionamentos comerciais acima descritos, embora tais tarifas ainda não estejam totalmente implementadas.

MUITOS PAÍSES COMERCIALIZAM COM PARCEIROS GEOPOLITICAMENTE DISTANTES

RELAÇÕES COMERCIAIS DE BENS, 2023 OU O DADO MAIS RECENTE DISPONÍVEL, E **PADRÕES DE VOTAÇÃO NA ASSEMBLEIA GERAL DA ONU**, 2005-2022



¹ Nota: O gráfico representa todas as economias para as quais há dados comerciais recentes disponíveis e que registram votos na Assembleia Geral das Nações Unidas. A distância geopolítica média do comércio para cada economia foi atualizada em relação à versão deste gráfico no relatório anterior, que se baseava nos dados comerciais de 2021. Diferença média ponderada pelo valor entre a posição geopolítica da economia de referência (ver nota 2) e a posição geopolítica da economia parceira comercial considerando exportações e importações de bens.

²Calculado por análise de componentes principais dos registros de votação da Assembleia Geral da ONU entre 2005 e 2022, reduzido a uma escala de 0 a 10.

³Europa 30 inclui a União Europeia mais Noruega, Suíça e Reino Unido.

⁴América Latina e Caribe exclui o México, que foi incluído na América do Norte.

Fonte: UN Comtrade; Koen (2007) e UN Digital Library; análise do McKinsey Global Institute.

Desaceleração do comércio global em 2025 após forte 2024

Segundo a UNCTAD, o comércio mundial (bens + serviços) atingiu aproximadamente US$33 trilhões em 2024, crescimento de +3,7% em relação a 2023. Esse salto foi impulsionado principalmente pelas economias emergentes e pelo forte desempenho do comércio de serviços. Em termos de volume, o crescimento de 2024 (≈+2,9% para mercadorias) foi consideravelmente superior aos anos recentes.

Todos os sinais apontam para arrefecimento. Organismos multilaterais estimam que o crescimento econômico global cairá para cerca de 2,3% em 2025. A OMC revisou drasticamente sua previsão: agora projeta queda de −0,2% no volume do comércio de mercadorias em 2025 (ante expansão de +3,0% prevista em out/24), devido às novas tarifas e efeitos em cascata. Indicadores adiantados refletem essa tendência: por exemplo, o índice Shanghai Containerized Freight (mensuração de frete global) despencou ~40% de jan. a mar. de 2025, retornando aos níveis pré-pandemia. Em resumo, um forte crescimento no comércio em 2024 transita para uma fase de menor dinamismo ou até contração em 2025, pressionada pela maior incerteza e barreiras comerciais recentes.

Redirecionamento dos fluxos de comércio da China e do Brasil até 2024

BENS CHINESES

A imposição de tarifas elevadas sobre produtos chineses nos EUA tem levado a realocações de fluxo comerciais. Estudos apontam que, mantidas altas tarifas, as importações americanas antes supridas pela China tenderão a ser substituídas por países terceiros, enquanto exportadores chineses buscarão novos mercados. Isso já vem ocorrendo: entre 2017 e 2024, a participação da China nas importações dos EUA caiu de 21,9% para 13,8%. Em parte, os EUA obtêm suprimento alternativo (p.ex. do México e Vietnã), mas isso também tem inundado mercados dos EUA com bens chineses remarcados. No cenário global, parceiros asiáticos menores e países do Sul Global estão recebendo mais exportações chinesas conforme as rotas de comércio se reconfiguram.

BENS BRASILEIROS

Em resposta à guerra tarifária EUA-China, o agronegócio brasileiro vem se beneficiando: o país firmou-se como parceiro preferencial da China em soja e carne suína. Em 2024, aproximadamente 75,8% das exportações brasileiras de soja foram direcionadas à China, contra 50,2% para os EUA (segundo dados da S&P). A China suspendeu totalmente suas compras de soja americana desde janeiro de 2025, favorecendo fornecedores sul-americanos. Por outro lado, o governo brasileiro monitora atentamente o possível aumento de fluxos de bens manufaturados chineses para o mercado interno – uma eventual "redirecionamento" – e já sinalizou aumento de tarifas de importação caso haja uma avalanche de produtos industriais chineses. Em paralelo, informações indicam que empresas americanas começam a explorar fornecedores industriais no Brasil, antecipando diversificação de cadeias de suprimento fora da China. Em suma, enquanto os fluxos comerciais da China se voltam cada vez mais para a América do Sul e outros mercados, o Brasil vê suas exportações agrícolas explodirem para o país asiático, equilibrando impactos em sua balança comercial de bens.

MARCO HISTÓRICO: A REGULAMENTAÇÃO DO COOPERATIVISMO DE SEGUROS

O mercado de seguros se consolida como setor expressivo na economia brasileira, desempenhando papel crucial na segurança financeira, promoção de investimentos e eficiência na alocação de recursos. Em diferentes partes do mundo, o modelo cooperativista tem se mostrado alternativa eficaz para ampliar o acesso a seguros, impulsionando a inclusão financeira e gerando impactos sociais positivos.

O MERCADO DE SEGUROS NO BRASIL

O Sistema Nacional de Seguros Privados brasileiro apresentou desempenho robusto em 2024, com arrecadação total de R$ 435,56 bilhões, registrando crescimento nominal de 12,2% em relação ao ano anterior. O setor retornou à sociedade R$ 241,42 bilhões através de indenizações, resgates, benefícios e sorteios, representando aumento de 6,8% comparado a 2023.

Os seguros de danos e pessoas (excluindo VGBL) arrecadaram R$ 207,10 bilhões em 2024, crescimento de 10,4% sobre o ano anterior. O VGBL recebeu contribuições de R$ 178,25 bilhões (alta de 16,3%), enquanto o PGBL alcançou R$ 15,31 bilhões (crescimento de 9,9%). Os produtos de capitalização totalizaram R$ 31,80 bilhões, com incremento de 6,1%.

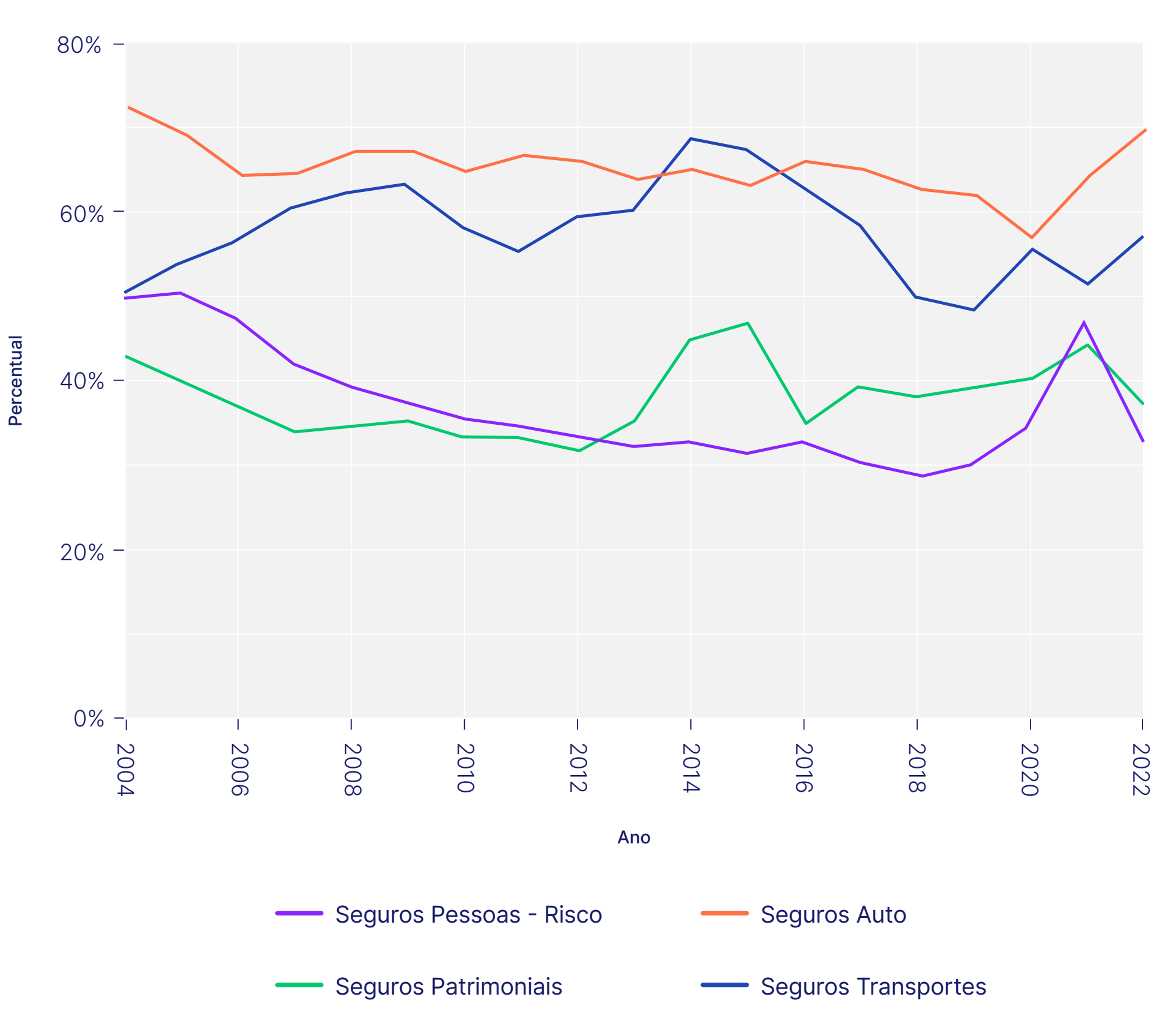
EVOLUÇÃO E PARTICIPAÇÃO NO PIB

De 2003 a 2022, a participação dos mercados supervisionados subiu de 2,6% para 3,6% do PIB, impulsionada pelo lançamento do VGBL em 2003. A análise da concentração empresarial revela desconcentração gradual: as cinco maiores seguradoras representavam 38% do mercado em 2002, reduzindo para 34% em 2022.

SINISTRALIDADE POR SEGMENTO

A sinistralidade apresentou redução global entre 2015 e 2018, estabilidade entre 2019 e 2020, seguida de aumento expressivo em 2021 devido ao impacto da pandemia.

SINISTRALIDADE POR SEGMENTO



Obs.: Até Nov/2013, a sinistralidade era medida pelo sinistro retido. Passou a ser medida pelo sinistro ocorrido a partir de Deus/2013.

COOPERATIVISMO DE SEGUROS NO MUNDO

O setor global de seguros cooperativos e mutualistas representa 26,3% da participação total do mercado em 2022. Mais de 4.700 seguradoras mútuas registraram coletivamente USD 1,41 trilhão em prêmios de seguro, atendendo aproximadamente 889 milhões de membros/segurados mundialmente e empregando 1,19 milhão de pessoas.

Excluindo a China (participação de apenas 0,2%), a participação global das mútuas cresceu de 29,1% em 2012 para 30,1% em 2022. Em mercados desenvolvidos, o setor mutualista detém 32,5% de participação, enquanto nos emergentes representa 2,7%. Estados Unidos (41,8%), França (54,8%) e Alemanha (46,5%) destacam-se com participações superiores a 40% no modelo mutualista.

DIMENSÃO ECONÔMICA GLOBAL

As seguradoras mutualistas e cooperativas geraram receita de prêmios de aproximadamente USD 1,41 trilhões em 2022, com ativos totais de USD 10 trilhões. O setor apresentou crescimento anual positivo em 12 dos últimos 15 anos desde 2007. Em 60% dos países analisados, as seguradoras mútuas experimentaram crescimento na participação do mercado nacional entre 2021 e 2022.

Perspectivas e Oportunidades para o Cooperativismo de Seguros no Brasil

LEI COMPLEMENTAR 213/2025

A sanção da Lei Complementar 213/2025 em 15 de janeiro de 2025 representa marco histórico para o cooperativismo brasileiro. A nova legislação permite que cooperativas atuem em qualquer ramo de seguros privados, exceto regimes financeiros de capitalização e repartição de capitais de cobertura, integrando formalmente o Sistema Nacional de Seguros Privados.

POTENCIAL DE MERCADO

De acordo com o World Coop Monitor 2023, o setor de seguros ocupa a segunda posição em contribuição econômica considerando o PIB de cada país. No ranking por setores, agricultura e indústrias alimentares representam 34,3%, comércio atacadista e varejista 29,0%, serviços financeiros 18,7%, educação, saúde e trabalho social 13,0%, indústria e utilidades 2,7%, e outros serviços 1,7%.

A regulamentação do cooperativismo de seguros no Brasil representa oportunidade de promover inclusão financeira, com potencial de oferecer preços competitivos e atender demandas locais, fortalecendo a economia através de modelo focado em governança democrática e participação efetiva dos segurados.

www.somoscooperativismo.coop.br

Em caso de dúvidas ou sugestões envie um e-mail para
nucleo@ocb.coop.br

Para visualizar edições anteriores, acesse o link:
https://materiais.somoscooperativismo.coop.br/analises-anteriores

sistemaocb